

**FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: EXPRESSÃO AUTORREFLEXIVA
SOBRE A FORMAÇÃO**

**PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL: SELF-REFLECTIVE EXPRESSION
ABOUT TRAINING**

José Mateus Bido¹
Anderson Gabriel de Souza²
Guilherme Fogaça³
Henrique Almeida⁴
Pedro Leão Silva⁵

Recebido em: 11/2019
Aprovado em: 03/2020

Resumo: O presente trabalho é um registro das reflexões dos estudantes de Ensino Médio, participantes do grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica*, no Campus Avançado Goioerê, do Instituto Federal do Paraná (IFPR). Os estudos são orientados como processo formativo, pela pesquisa, colocando-se como um registro das expressões argumentativas dos próprios membros. A pesquisa tem por objetivo estimular a formação de docente para as áreas das ciências humanas a partir da perspectiva da Teoria Crítica, especialmente pela motivação ao estudo da Filosofia, compreendendo-a para além do conceito de componente curricular. Procura-se também proporcionar a construção textual de ideias a partir da análise teórica da Filosofia. A pesquisa se fundamenta na Teoria Crítica da sociedade, destacando pensadores como Adorno, Horkheimer e Marcuse. A metodologia de trabalho está voltada para as orientações sobre temas e autores clássicos da Filosofia, os quais lançam luzes sobre a realidade-problema destacada. O trabalho é uma coletânea de ideias dos estudos em andamento, reveladoras da autorreflexão dos estudantes. Espera-se que ele contribua como experiência formativa aos

¹ Professor de Filosofia do Campus Avançado de Goioerê. Mestre em Filosofia e doutor em Educação. Orientador do grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica* e chefe do *Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos em Formação Docente*. E-mail: jose.bido@ifpr.edu.br

² Estudante do terceiro ano do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Goioerê e membro do grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica*. E-mail: andersongabrielsouza48@gmail.com

³ Estudante do terceiro ano do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Goioerê e membro do grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica*. E-mail: guilhermefogaca099@gmail.com

⁴ Estudante do terceiro ano do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Goioerê e membro do grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica*. E-mail: henrialmeida08@gmail.com

⁵ Estudante do terceiro ano do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Goioerê e membro do grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica*. E-mail: cdfpedrosilva@gmail.com

estudantes, os quais são parte fundamental do processo educativo e que se abrem à futura docência, especialmente a partir das licenciaturas em ciências humanas.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino médio. Teoria crítica.

Abstract: The present work is a record of the reflections of the students of High School, participants of the Philosophy and High School studies group: perspective for the integral formation in light of the Critical Theory, in the Advanced Campus Goioerê, of the Federal Institute of Paraná (IFPR). The studies are oriented as a formative process, by the research, putting itself as a record of the argumentative expressions of the members themselves. the research aims to stimulate the formation of teachers for the areas of human sciences from the perspective of Critical Theory, especially for the motivation to study philosophy, understanding it as a simple curricular component. It is also sought to provide textual construction of ideas from the theoretical analysis of philosophy. Theoretically the research is based on the Critical Theory of the society, highlighting thinkers like Adorno, Horkheimer and Marcuse. The methodology of work is focused on the orientations on themes and classic authors of philosophy, which shed light on the highlighted problem reality. The work is a collection of ideas from ongoing studies, revealing students' self-reflection. He is expected to contribute as a formative experience to the students, who are a fundamental part of the educational process and who are open to future teaching, especially from the degrees in the humanities.

Keywords: Philosophy. High school. Critical theory.

Introdução

A participação dos estudantes ativamente no processo formativo caracteriza um compromisso institucional e pessoal pela formação filosófica, científica e cultural. Requer, além do amadurecimento acadêmico, uma ação afetiva que vincula diferentes pessoas para a consolidação de um projeto educacional. A criação do grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica*, no campus avançado Goioerê, do Instituto Federal do Paraná (IFPR), a partir do componente curricular de Filosofia, reúne professor da área e estudantes do Ensino Médio do curso Técnico Integrado em Informática, tendo como objetivo central estimular a formação docente para as áreas das Ciências Humanas a partir da perspectiva da Teoria Crítica. Este grupo de estudos tem seus membros vinculados ao *Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos em Formação Docente*, devidamente registrado no *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq), inscritos nas duas linhas de pesquisa: *Ensino e Aprendizagem e Formação Docente*.

O grupo de estudos conta com a participação voluntária de 10 estudantes que, reunindo-se semanalmente, são estimulados à leitura de textos de pensadores que influenciaram o debate filosófico no Ocidente. Os estudos seguem metodologicamente as orientações sobre temas e autores clássicos e contemporâneos da Filosofia, os quais são retomados pelo estudo para lançarem luzes sobre as *realidades-problemas* sociais, elencadas e destacadas para os debates planejados. Os textos são distribuídos antecipadamente para uma

prévia leitura, a qual se amplia pelas reflexões nos encontros. Levam-se em consideração nos estudos: as linhas reflexivas dos pensadores, os problemas que envolvem os textos, a articulação reflexiva com a realidade contemporânea aos pensadores e seus textos, as categorias com as quais os pensadores trabalham e a contribuição destes para a realidade histórica e social dos participantes. Esses cinco elementos são postos em sintonia à proposta do projeto, que é a de pensar a formação docente pelas licenciaturas em ciências humanas.

Os estudantes refletem textos de clássicos como Kant, Marx, Nietzsche, Schopenhauer, Foucault, Marcuse, Adorno, Horkheimer, Fromm, dentre outros. A participação pessoal ocorre como círculo de debates.

Além do estímulo às expressões orais, os estudantes procuram registrar ideias em anotações pessoais, as quais contribuem para o crescimento pessoal e para possíveis produções de artigos. Ressalta-se que a iniciativa dos estudantes em proporem e participarem da produção de um artigo científico corrobora o aprofundamento reflexivo. Evidencia-se também que as reflexões, ao se voltarem para o enfrentamento do significado e da importância da Filosofia para a formação integral do ser humano – já no Ensino Médio –, ampliam os horizontes formativos e rompem com o padrão oficial das orientações e diretrizes mundiais para a educação, que fortalecem a adaptação e a instrumentalização dos estudantes ao modelo produtivo, priorizado no espaço educacional contemporâneo.

Como problema central, busca-se colocar em questão qual é a importância do estudo da Filosofia para o ensino médio. Para que os trabalhos de leitura e reflexão fossem iniciados, a partir do problema central, o grupo de estudos fez a leitura conjunta do texto de Theodor Adorno (2006, p. 139-154) *Educação para quê?* Esse texto – que assume também a pergunta problema que direciona os estudantes – foi apresentado com o intuito de provocar os estudantes para pensarem sobre os fundamentos e finalidades da educação, voltando-a para a formação de uma consciência crítica.

Destaca-se, anteriormente a esta etapa, que o grupo de estudos já havia sido motivado a discutir sobre o que é e o que representa a teoria crítica para o pensamento contemporâneo. Nesse processo inicial, ressaltam-se os textos de Horkheimer (1991, p. 69-75) *Filosofia e teoria crítica* e *Teoria tradicional e teoria crítica* (1991, p. 31-68).

Além disso, o intento deste trabalho é de dar voz aos estudantes para a expressão reflexiva dos seus registros pessoais. Nesse sentido, o texto foi produzido por quatro participantes, cuja orientação promoveu a revisão a partir da lógica argumentativa sobre os diferentes registros, bem como a contextualização crítica. Os ajustes textuais foram retomados

pelos estudantes a fim de preservar a identidade das ideias registradas.

Busca-se, nessa produção, uma contextualização inicial sobre a importância da Filosofia, a partir das críticas sofridas, como uma oportunidade de reconstrução de sentido de ser pela reflexão contextualizada. Em seguida, a voz dos estudantes se dirige para ecoar seus anseios formativos, manifestando o que refletem sobre o tema. Por fim, algumas considerações são postas sobre o que de fato é educação – como formação – e o que não é educação – pela adaptação –, em relação à formação do humano como um ser integral, isto é, um ser de sensações e emoções.

Ressaltamos que a tarefa de pensar a nossa formação em sintonia com a formação de futuros professores foi influenciada pela coordenação do projeto. O professor Dr. José Mateus Bido, ao desenvolver sua tese de doutorado (BIDO, 2018), sentiu a necessidade de dividir com a comunidade de estudantes do Campus Avançado Goioerê a tarefa de pensar as licenciaturas, especialmente as de ciências humanas. O projeto teve início em 2017, sendo que o Banner da pesquisa foi exposto, em 2018, no Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação (SE²PIN)⁶ local e selecionado para a versão estadual do Seminário. Acreditamos poder contribuir com Campus Avançado Goioerê do IFPR com nossas reflexões e na integração de mais membros para o grupo de estudos, mantendo sempre presente a real necessidade de formação de professores.

A reconstrução do sentido de ser pela Filosofia: reflexões preliminares

A ideia do ser se tornou impotente na filosofia; nada mais que um princípio formal vazio, cuja arcaica dignidade ajuda a decifrar conteúdos arbitrários. Nem a plenitude do real, como totalidade, se deixa subordinar à ideia do ser, que lhe atribui o sentido; nem a ideia do existente se deixa construir a partir dos elementos do real [...] (ADORNO, 1991, p. 1).

A construção do espaço formativo pelos agentes formadores vinculam professores e estudantes no debate sobre a tarefa de pensar e agir no mundo. O desafio se amplia na medida em que a ação reflexiva precisa extrapolar os limites da reprodução conceitual e a imitação da realidade. Pensar exige abertura para a crítica que constitui as bases da autonomia racional e da emancipação subjetiva, face ao espírito massificado que se enraíza na cultura oficializada.

Recorrer à Filosofia como uma atitude autorreflexiva para pensar sobre a sua própria

⁶ O Seminário de Extensão, Ensino, Pesquisa e Inovação é institucionalmente identificado pela sigla SE²PIN. Para evitar a repetição da letra ‘E’ duas vezes, adota-se a expressão “E²” para designar a inclusão das ações de Extensão e Ensino .

importância e finalidade no processo educacional se torna determinante para nós estudantes do ensino médio, no sentido de superar a letargia intelectual que as redes sociais e os meios de comunicação de massa desenvolvem na cultura e atingem diretamente a forma de pensar e agir. A atitude de nos colocarmos como seres pensantes, questionadores dos fatos que são postas socialmente a nós, enquanto indivíduos, revela o sentido da construção da autonomia e da emancipação humana no mundo, concretamente pensadas a partir do lugar social em que atuamos como estudantes.

A realidade sociocultural brasileira desse início de século, marcada pelo esvaziamento do raciocínio crítico e pela atitude preponderantemente adaptativa à produção, exige uma postura formativa distinta da que está posta para nós. O estímulo ao desenvolvimento de um processo formativo que resgate o sentido de ser do humano no mundo, bem como a relação crítica com a cultura e com a produção, é uma exigência histórica que nossa geração carece. Nesse sentido, um processo formativo que não dialoga com as distintas expressões humanas, que não estimula o humano a fazer-se humano, traz consigo mesmo um traço do aniquilamento da humanização, podendo criar indivíduos autodeterminados à competição econômico-produtiva e à eliminação afetiva do outro. O *outro* deixa de ser visto como um *eu* de significado, tornando um *ente* de concorrência.

O pensar sobre ser e o existir concretos, como estímulo formativo, recoloca sobre nós estudantes a importância da Filosofia no ensino médio. Nesse aspecto, ela passa a ser encarada por uma dimensão maior do que uma *disciplina* acadêmica, tornando-se efetivamente reflexão crítica sobre o ser e o existir do humano no mundo. Nesse aspecto, ela extrapola a noção de componente curricular que nos oferece materiais com informações para alcançarmos os conceitos ou notas, com foco na aprovação para a progressão acadêmica, que são exigências do processo educacional legitimado. Tem-se, portanto, uma mudança de perspectiva. Como primeiro passo para reconstruir a notabilidade do saber filosófico está o entendimento terminológico que a estrutura cultural formativa tem adotado e imputado sobre a Filosofia, enquanto disciplina, no Brasil.

Mas, como é possível suplantar essa estrutura que historicamente está constituída e que, por si, esvazia o sentido da Filosofia para a formação dos estudantes secundaristas? Essa é uma questão determinante para o entendimento do sentido do saber filosófico.

A reflexão para resgatar a importância do conhecimento filosófico, enquanto referência para nós, estudantes e seres humanos concretos, não é um esforço desnecessário e tampouco uma perda de tempo. Temos consciência de que para a dinâmica formativa em

curso no Brasil, o estudo ou conhecimento que não se torna produto de mercado tende a perder seu valor fundamental. Essa reflexão se fundamenta no pensamento de Santomé (2003), que analisa como a condição da educação no século XX se aproxima do espaço comum ao mundo empresarial. Segundo ele:

Se há algo que caracteriza as formas de falar sobre a educação e, mais concretamente, sobre os sistemas educacionais é a grande quantidade de conceitos que surgiram no âmbito da economia e do mundo empresarial. O vocabulário economicista é percebido no uso cada vez mais frequente de palavras, como: ‘currículo ou matérias profissionalizantes’, ‘orientação profissional’; ‘habilidades formativas’; ‘produtos ou desempenhos’; ‘privatização’; ‘gerenciamento’; ‘mercado’; ‘clientes’; ‘competitividade’; ‘reestruturação’; ‘eficiência’; ‘excelência’; ‘flexibilidade organizativa’; ‘capital humano’; ‘padrões’; ‘desregulamentação’ [...]. Nos discursos que mais circulam ultimamente, os estudantes e suas famílias são apresentados frequentemente como clientes, e, assim, os professores e professoras se transformam em ‘produtores’, e os currículos, em ‘produtos ou bens de consumo’ [...].

Não devemos esquecer também que uma das peculiaridades do discurso elaborado pelos grupos sociais que detêm o poder é a luta para apropriar-se dos significantes elaborados pelos movimentos progressistas e de esquerda, distorcendo os seus significados, para frear sua capacidade de mobilização social (SANTOMÉ, 2003, p. 221).

Essas características determinam o movimento interno do mercado e fortalecem a ideologia do sistema, vivamente apregoada pelos países desenvolvidos. Os países pobres são submetidos às regras que sucateiam suas instituições educacionais públicas, à internacionalização de suas riquezas e ao enfraquecimento de sua cultura.

A superação da cultura da inutilidade que o saber filosófico tem sofrido – imposta por uma visão mecânica da vida e por uma ação humana útil e pragmática, determinada pelo mercado – é uma exigência que entendemos ser imprescindível para resgatar o humano da concepção reificada (coisificada) (MARX, 1996) que tem se tornado.

Entendemos que o conhecimento filosófico é autorreflexão humana, social e historicamente contextualizada, para construir sentido e significado reais ao próprio humano e sua cultura. É gênese constitutiva da autodeterminação de cada um de nós, como indivíduos, que nos percebemos, sentimo-nos, refletimo-nos e estabelecemos sentido real pela vinculação significativa com o existir do outro, em sociedade. Contudo, é a autorreflexão crítica que delimita os parâmetros da significação pessoal no mundo e estabelece a proposta de construção dos espaços vinculantes em que os diferentes adquiram importância real.

Essa dinâmica é composição contínua que nos envolve por inteiros e não uma

determinação externa, como força tuteladora, atribuída pelos meios e agentes formativos, presentes nos programas da disciplina. Por isso mesmo é que ela requer do processo formativo estímulos e meios possíveis na estruturação da nossa identidade pessoal e comunitária. Nesse aspecto, as assistências formadoras que recebemos – ações específicas desenvolvidas pelos agentes educativos, sejam didática e pedagogicamente – só se definem como tal pela promoção da *decisão formativa* para o nosso conhecimento substancial das forças científicas, sociais, econômicas, políticas, etc., as quais constituem a nossa realidade histórica da pessoa e como estudantes.

A elaboração da autorreflexão crítica, estimulada continuamente em nosso espaço formativo (campus Avançado Goioerê do IFPR) pelos educadores das ciências humanas e das ciências da linguagem, em geral, e, pela Filosofia, em especial, apresenta-se a nós como um caminho possível de emancipação racional frente à tutela das ideologias hegemônicas e autonomia pessoal para as decisões que nos garantam a identidade de ser e agir no mundo.

Nesse aspecto, a nossa formação vai se configurando como uma postura crítico-reflexiva de nós – como sujeito na história – sobre nós mesmos, sobre o meio socioambiental em que vivemos e sobre as relações que construímos com os demais humanos. É também tarefa da Filosofia a promoção de um propósito formativo, em nós estudantes, para a nossa autenticidade de ser e de existir, que passa pela profundidade investigativa, superando o modelo educacional que estimula o conhecimento esvaziado de sentido reflexivo. Reconstruir institucionalmente o sentido da Filosofia torna-se um esforço cultural, especificamente quando este se coloca a serviço da formação de futuros professores, para a reconstrução da crítica formativa e da autorreflexão crítica sobre o ato de formar e ser formado.

A autorreflexão discente

A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. O problema que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie (ADORNO, 2006, p. 155).

A história nos revela as muitas mudanças e transformações que acontecem no mundo. Com os seres humanos e sua cultura isso não é diferente. Se a atitude de ir à *ágora* para participar da vida da cidade e debater ideias foi uma prática relevante na Grécia antiga⁷ para

⁷ Essa manifestação da cultura pode ser percebida em vários escritos da época. Destaca-se, aqui, o texto de Platão

formação da identidade cidadã, atualmente a manifestação de ideias e construção de debates também se dá pelas redes sociais, nas quais se revelam um meio que expressa opiniões individualizadas, não necessariamente vinculadas a formação político-cidadã (BAUMAN, 2008, p. 185).

Notamos também na história pelas diferentes culturas, geopoliticamente constituídas, o desenvolvimento e a transformação da vida/existência. Essa mudança é uma mudança substancial, pela qual a vida mesma vai sendo compreendida como algo simples, naturalizada e esvaziada de sentido autorreflexivo. Essa simplicidade diz da maneira como a reflexão filosófica vai se esvaziando ao abordar a vida como um problema eminentemente filosófico. A vida deixa de ser pensada em seu significado fundamental em função de significá-la para o mercado ou mundo produtivo. Marcuse (2001) assinala que

A absorção administrativa da cultura pela civilização é o resultado da direção dada ao progresso científico e técnico, da submissão crescente do homem e da natureza aos poderes que organizam essa submissão e que utilizam a elevação do nível de vida para perpetuar sua organização da luta pela existência (MARCUSE, 2001, p. 93).

Notamos que o esvaziamento reflexivo, no processo educacional, sobre o sentido fundamental da existência vai conduzindo o humano a assumir-se, desprovido de sentido profundo de identidade, diante do modelo social determinante (ADORNO, 1996), como um ser resiliente, entendido como flexível e adaptável.

Quando essa realidade se instaura sobre o humano, ele acaba não compreendendo a sua vida em plenitude e, conseqüentemente, a maneira como encara os sofrimentos, as emoções e tudo que está em seu entorno – definindo-o como ser de reflexão e ação – recria a sua condição existencial enfraquecida e frustrada. Nosso entendimento sobre essa circunstância se dá a partir do processo educacional em que nós brasileiros estamos inseridos e somos formados.

Marcuse (2001) nos ajuda a entender o processo formativo crítico ao refletir sobre a educação para a autonomia e para a emancipação. Ele deixa evidenciar o aspecto subversivo dessa proposta. Segundo ele,

A educação para uma independência intelectual e pessoal – isso soa como se fosse um objetivo universalmente reconhecido. Na realidade, trata-se aqui de um programa por demais subversivo, que encerra a violação de alguns dos

(1960).

mais sólidos tabus democráticos. Pois a cultura democrática dominante promove a heteronomia sob a máscara da autonomia, impede o desenvolvimento das necessidades fingindo promovê-las e limita o pensamento e a experiência sob o pretexto de ampliá-los e estendê-los ao infinito. A maioria dos homens usufrui de um considerável espaço para comprar e vender, para procurar e escolher um trabalho; eles podem expressar sua opinião e mover-se livremente – mas suas opiniões jamais transcendem o sistema social estabelecido, que determina suas necessidades, escolhas e opiniões. A liberdade mesma opera como vínculo de adaptação e limitação. Essas tendências repressivas (e regressivas) acompanham a transformação da sociedade industrial em sociedade tecnológica sob a administração total dos homens, e as alterações simultâneas no modo de trabalho, na mentalidade e na função política do ‘povo’ prejudicam severamente os fundamentos da democracia (MARCUSE, 2001, p. 83-84).

Lemos, então, em Marcuse a crítica sobre o sentido limitador e adaptador que a educação vai culturalmente elaborando em nossas vidas, especialmente pelo “sistema social estabelecido”, o qual se impõe para determinar as necessidades, as escolhas e as opiniões sobre a maioria dos humanos, tudo em nome de uma educação dita democrática, mas intencionalmente modeladora.

Com os anos, criou-se sobre a Filosofia um argumento de que é algo que ficou no passado, que está morta ou até inútil. Hawking, renomado físico britânico, chama nossa atenção sobre o sentido da Filosofia na contemporaneidade ao afirmar, na conferência do Google Zeitgeist, em Hertfordshire, na Inglaterra:

[...] Muitos de nós não nos preocupamos mais com essas perguntas, entretanto, questões como ‘de onde viemos?’ ou ‘para onde vamos’, que eram tradicionalmente questões filosóficas, hoje são recorrentes exclusivamente para a ciência. Os filósofos atuais não têm estudado de acordo com as descobertas mais recentes da física, e por isso, a filosofia está morta hoje (HAWKING, 2011).

A postura assumida por Hawking sobre a Filosofia, mesmo tendo o peso imanente à crítica, não carrega o destaque de ser a primeira avaliação sobre a perda de seu sentido. Grandes filósofos já haviam feito em tempo precedente críticas contundentes sobre a Filosofia. Revelar a crise do pensamento filosófico, independente do tempo histórico, reaviva sempre mais o seu sentido, principalmente de colocar sobre ela mesma a pergunta pelas suas causas, princípios e finalidade.

O próprio Heidegger afirma:

[...] O desdobramento da Filosofia cada vez mais decisivamente nas ciências autônomas e, no entanto, interligadas, é o acabamento legítimo da Filosofia. Na época presente a Filosofia chega a seu estágio terminal. Ela encontrou

seu lugar no caráter científico com que a humanidade se realiza na praxis social. O caráter específico desta cientificidade é de natureza cibernética, quer dizer, técnica. Provavelmente desaparecerá a necessidade de questionar a técnica moderna, na mesma medida em que mais decisivamente a técnica marcar e orientar todas as manifestações no Planeta e o posto que o homem nele ocupa.

As ciências interpretarão tudo o que em sua estrutura ainda lembra a sua origem na Filosofia, segundo as regras de ciência, isto é, sob o ponto de vista da técnica. As categorias das quais cada ciência depende para a articulação e delimitação da área do seu objeto, a compreendem de maneira instrumental, sob a forma de hipótese de trabalho (HEIDEGGER, 1996, p. 97).

Quando se coloca racionalmente a Filosofia sob a crítica, no sentido de refletir sobre seus fundamentos e suas finalidades, atribui-se também a construção racional dos conceitos e valores que orientam a cultura, que delimitam as relações econômicas, que estabelecem as relações sociais e políticas. Nesse sentido, entendemos que a noção de *crise* já se instaura como um esforço *teleológico* que contribui com a condição do pensar crítico.

Ao pensarmos sobre a Filosofia em ambiente educacional, percebemos que ela cumpre também a tarefa da análise circunstancial dos fatores que orientam o humano no mundo. Com isso, cria-se também um ponto de interesse filosófico, que se orienta para o entendimento dos estilos de vida. A reflexão sobre o cotidiano se abre como possibilidade para o pensamento filosófico.

Sendo a reflexão sobre os fundamentos e finalidades formativos uma justificativa plausível para que se estude Filosofia, o que está para ser colocado sobre nós estudantes não são apenas ideias e pensamentos já concebidos. Precisamos de meios para estimular o nosso pensamento para fazermos a crítica sobre conceitos cultural e socialmente aceitos, os quais vão além do material apreendido pela memória. Essa atitude educativa visa propor, não apenas que nós estudante reproduzamos o mundo, mas que criemos novas percepções e reflexões sobre a real existência e sobre ela possamos atuar determinadamente como seres de potencialidade (SCHOPENHAUER, 1997, p. 95).

A Filosofia em ambiente escolar é, sem dúvidas, crucial também para a nossa formação como cidadãos críticos. Há um estigma em torno dessa área do conhecimento, vista por alguns dos nossos colegas estudantes como sendo um esforço inútil. É perceptível, através de nossa vivência acadêmica, que grande parte dos nossos colegas estudantes realmente reflete sobre a Filosofia a partir dessa ótica.

Mas, de quem é a culpa? Dos *alunos*, que, na acepção do termo, os sem a *luz* do conhecimento não têm noção da importância da mesma para suas vidas? Dos professores, que

não encontraram um meio de nos envolver e cativar-nos a sermos realmente *amigos* do conhecimento? Ou do sistema educacional, que nos é imposto desde o primário, que tem como objetivo nos formar apenas operários cegos, no sentido político da palavra?

De fato, há muitos estudantes que não encontram sentido na reflexão filosófica; outros são indiferentes em relação a ela; outros ainda são até contrários ao ensino da mesma no Ensino Médio. Contudo, temos que pensar sobre o saber filosófico como aquele que possibilitou às ciências modernas a apreensão dos seus objetos de estudos e o estabelecimento de seus métodos próprios para as análises específicas.

Observamos muitas falhas no sistema de educação, que diz nos educar ou formar, mas que nos encaminha para o esvaziamento do conhecimento, quando, em nome do mercado produtivo que exige que sejamos preparados para trabalhar, propaga a ignorância reflexiva e cria o apagão crítico-filosófico. Por essa razão, percebemos na vida diária que o conhecimento para além dos objetos definidos pelas ciências instrumentais tende a padecer, inclusive tende a serem escassos os estudantes que criticamente se posicionam sobre temas sociais e políticos, fundamentados em uma base teórico-filosófica.

Como projeto educacional esvaziado, notamos que a formação das jovens gerações no Brasil se encaminha para a capacitação e habilitação humana, especificamente para atuar no meio produtivo. Essa reflexão nós buscamos em Santomé, quando ele afirma que:

O advento e a consolidação da sociedade industrial também foram favorecidos por instituições escolares que explicitamente ou implicitamente, cooperaram com a construção do ser humano disciplinado, obediente e acrítico com relação aos modelos de sociedade aos de poderes estabelecidos (SANTOMÉ, 2003, p. 189).

A sociedade capitalista baseia o seu entendimento sobre nós estudantes como se fôssemos operários em potencial, ou robôs orgânicos – seres autômatos – que trabalham e vivem apenas para realizar a manutenção do sistema. A nossa realidade brasileira tem evidenciado que esse projeto formativo está bem estruturado. A nossa subjetividade é formada e posta para o objetivo socioeconômico. Este é o ‘espírito objetivo’ da cultura contemporânea, instituída pelo capitalismo tardio. Para ajudar nessa leitura de cenário buscamos apoio em Horkheimer e Adorno. Segundo os filósofos,

O pensamento reduzido ao saber é neutralizado e mobilizado para a simples qualificação nos mercados de trabalho específicos e para aumentar o valor mercantil da personalidade. Assim naufraga essa auto-reflexão do espírito que se opõe à paranóia. Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio,

a semicultura converteu-se no espírito objetivo. Na fase totalitária da dominação, a semicultura chama de volta os charlatães provincianos da política e, com eles, como uma última ratio, o sistema delirante, e o impõe à maioria dos administrados já amolecidos, de qualquer maneira, pela grande indústria e pela indústria cultural (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 162-163).

O ensino médio, encarado estruturalmente, é um tempo formativo determinante em nossas vidas. Esse tempo formativo precisa se configurar em nossas vidas de estudantes para além das condições meramente adaptativas. Não precisamos ser apenas adaptados para a sociedade. Precisamos aprender a pensar sobre e a partir da sociedade em que estamos inseridos, tornando-nos sujeitos de individualidade e coletividade. Por esse motivo, a escola tem que expressar realmente um projeto educacional e não instrumental. Sendo assim, reconhecemos a importância, nessa etapa formativa, de pensarmos sobre as possibilidades da formação de professores, pelas licenciaturas em ciências humanas, fundamentas pela crítica filosófica. Tomemos, como exemplo, a formação de um professor de história ou um historiador. Frente a isso, como formá-lo para análise dos fatos históricos, suas influências na vida concreta do cidadão daqueles dias e no de hoje, de forma crítica, sem o diálogo com a Filosofia?

Enquanto estudantes do Ensino Médio, se não tivermos presentes em nossa formação a crítica autorreflexiva (sobre nós e nosso modo de pensar) como um fator de resistência diante do espaço onde vivemos e estudamos, provavelmente nos tornaremos seres abertos ao ajustamento e à instrumentalização intelectual e produtiva, desprovidos da crítica ontológica e existencial. Desse modo, pensar um Ensino Médio que nos faça realmente seres atuantes e agentes de mudanças no ser e no nosso espaço e tempo, é pensar em uma escola para além do conteúdo pelo conteúdo. Os conteúdos a nós postos precisam fundamentar a nossa preparação, enquanto estudantes, como seres que pensam e agem no mundo. Contudo, cabe a nós estudantes nos esclarecermos dessa necessidade, pois mesmo numa instituição formativa com os melhores índices, sem a nossa efetiva ação, sairemos dela apenas propensos a sermos mais um na massa dos iguais.

A análise sobre o projeto formativo no ensino médio requer de nós a percepção crítica sobre a possível tensão entre formação para a resistência e formação para a adaptação. Essa tensão é desenvolvida pela formação ampliada, confrontada com a preparação para o mercado de trabalho. Trata-se de evidenciar continuamente a força que opera sistemicamente nas sociedades contemporâneas para responder às demandas de produção (TEODORO, 2011).

Para melhor expressar a ideia da nossa possível subordinação ao Estado, pela escola, no nosso caso o IFPR, fomos buscar inspiração novamente em Marcuse. Segundo pensador,

A situação se altera quando uma mobilização parcial (em que a vida privada do indivíduo permanece reservada) já não é suficiente para a preservação da forma estabelecida do processo de trabalho, exigindo-se em seu lugar a ‘mobilização total’ pela qual o indivíduo deve ser subordinado à disciplina do Estado autoritário em todos os planos de sua existência. Agora a burguesia entra em conflito com sua própria cultura. A mobilização total da época do capitalismo monopolista é incompatível com aqueles momentos progressistas da cultura, centrados na idéia de personalidade. Começa a auto-abolição da cultura afirmativa (MARCUSE, 2001, p. 57).

Sabemos que seria um tanto quanto injusto culpar os professores de Filosofia e das demais Ciências Humanas e das Ciências da Linguagem pelo esvaziamento de sentido do saber filosófico em nós estudantes. Também assim seria se a atribuição de culpa se dirigisse exclusivamente a nós estudantes. Sabemos que o sistema quer que a tensão fique entre esses dois polos. Contudo, não podemos esquecer que o projeto educacional que se implanta no ensino médio é um projeto de sociedade em construção. Se o modelo social em vigor tem o objetivo de meramente adaptar a formação às demandas de produção, os agentes do processo formativo (estudantes e formadores) já se encontram, conceitualmente, comprometidos. Nesse caso, a possível desvalorização da Filosofia torna-se algo cíclico: o modelo social estrutura a formação de formadores que pode formar estudantes esvaziados do conhecimento substancial. Essa lógica é identificada por Adorno (1996, p. 395) como “modelo de semiformação”. Nesse sentido, a tensão precisa deixar de se ater aos agentes para se voltar ao sistema educacional.

A concepção de indivíduo para o isolamento de si estimula a competitividade pessoal e corporativa, respondendo ao ideal do sistema econômico-produtivo que reduz a concepção de trabalho à condição de mercadoria, associado ao valor do lucro (ANTUNES; PINTO, 2017). Como parte do processo, o indivíduo é formado para vender as suas habilidades e as suas competências, sendo estimulado para a superação do outro, também como ser produtivo. Quanto mais competitivo, mais adequado para pertencer ao rol dos que sustentam o sistema. Essa lógica fundamenta a formação educacional de uma identidade subjetiva que minimiza a importância da alteridade. O relacional e produtivo passa a ser o “eu”; o “outro” torna-se concorrente na constituição de espaço socioprodutivo.

Considerações finais

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. [...] Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita (ADORNO, 2006, p. 119).

A Filosofia se coloca como fundamental em todas as áreas e fases da vida do ser humano, principalmente no âmbito escolar. Uma reflexão aprofundada sobre seu sentido e fundamento, para além do entendimento de matéria acadêmica, vem nos permitir o desenvolvimento da análise crítica sobre diferentes perspectivas, especialmente frente ao movimento planetário que coloca em crise os valores do processo civilizatório e cultural do Ocidente. Enquanto espaço formativo, a Filosofia constitui o *locus* autorreflexivo da análise conjuntural que nos estimula a pensarmos sobre os efeitos sociais pelas suas causas originárias, lançando sobre elas questões que desnudam as forças obscuras que colocam em xeque a nossa real condição humana.

Como esforço racional articulado e articulador de diferentes leituras, a Filosofia, como esforço contínuo de superação da ignorância, vem possibilitar ao ser humano, historicamente constituído na pessoa de cada um de nós estudantes, que não sejamos modelados por um pensamento simplesmente de senso comum sem uma análise avaliativa sobre determinado assunto ou acontecimento. É de suma importância que saibamos pensar criticamente o pensamento que se faz hegemônico na sociedade brasileira, principalmente para evidenciar as forças ideológicas que controlam o esvaziamento crítico do processo formativo e denunciar um modelo educacional voltado meramente para a adaptação e instrumentalização do indivíduo como objeto para a produção de capital.

As aulas de Filosofia se colocam como provocações teóricas para análise da realidade concreta, tendo as condições humanas como pauta imperante. Fundamentando a reflexão a partir de pensadores clássicos e contemporâneos, nós somos estimulados à leitura, bem como em nos posicionarmos frente ao pensamento e pensador estudados.

Ressaltamos que nossas análises sobre o sentido da Filosofia no Ensino Médio ganham reforço por encontros semanais no grupo de estudos *Filosofia e Ensino Médio: perspectiva para a formação integral à luz da Teoria Crítica*. A decisão de registrarmos em texto essa importância nasceu de nossa própria iniciativa que, espontaneamente, inscrevemo-nos no grupo e solicitamos ajuda para inscrição de nossos *Curriculum Lattes*.

Ressaltamos também as dificuldades constantes de reunir todos os membros, dado o volume de atividades bimestrais que são exigências dos componentes curriculares. Inclusive

esta situação também foi objeto de nossa reflexão, sendo analisada para além da quantidade e com o propósito de percepção e valoração dos temas apresentados pelos componentes curriculares.

Referências:

ADORNO, Theodor W. A educação contra a barbárie. In. ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. P. 155-168.

ADORNO, Theodor W. **A atualidade da filosofia**. In ADORNO, T. W. Philosophische Frühschriften. Band I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996, pág. 325-344. Tradução de Bruno Pucci, prof. titular da Faculdade de Educação da UNIMEP e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa "Teoria Crítica e Educação", financiado pelo CNPq e FAPESP. Tradução cotejada com a versão castelhana de José Luis Arantegui Tamayo (Barcelona: Ediciones Paidós, 1991). Revisão da tradução de Newton Ramos de Oliveira e Antônio Álvaro Soares Zuin. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/adorno/ano/mes/filosofia.htm> . Acesso em: 14 agosto 2019.

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In. ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. P. 119-138.

ADORNO, Theodor W. Teoria da Semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. **Revista Educação e Sociedade**, n. 56, 1996. P. 388-411.

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. **A fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista. São Paulo: Cortez, 2017. (Coleção questões da nossa época; v. 58).

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BIDO, José Mateus. **Formação de professores no Instituto Federal do Paraná à luz da Teoria Crítica** 286f. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Dra. Maria Terezinha Bellanda Galuch. Maringá, 2018.

HAWKING, Stephen. **A filosofia está morta**. Conferência do Google Zeitgeist, em Hertfordshire, na Inglaterra, 2011. Disponível em: https://www.telegraph.co.uk/technology/google/8520033/Stephen-Hawking-tells-Google-philosophy-is-dead.html?utm_content=buffer58c30&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer Acesso em: 03 junho 2019.

HEIDEGGER, Martin. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: **Conferência e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova cultural, 1996. (Coleção os pensadores.)

HORKHEIMER, Max. Filosofia e teoria crítica. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. P. 69-75 (Os

pensadores; 16).

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. P. 31-68 (Os pensadores; 16).

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

MARCUSE, Herbert. Comentários para uma redefinição de cultura. In: **Cultura e psicanálise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 1996. P. 25-54 (Coleção Os pensadores).

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Atena Editora, 1960.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **A educação em tempos de neoliberalismo**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade de representação**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. P. 19-114 (Coleção Os pensadores).

TEODORO, António. **A educação em tempos de globalização neoliberal: os novos modos de regulação das políticas educacionais**. Brasília: Liber Livro, 2011.